

Histórias a contrapelo: escritas de si, (auto)biografia e formação de leitores¹.

Elizeu Clementino de Souza² – PPGEduc / UNEB
Verbena Maria Rocha Cordeiro³ – PPGEL e PPGEduc / UNEB

Pontos iniciais: temporalidades, escritas e formação

O presente texto relata experiências concernentes ao projeto de formação, vinculado à Disciplina Abordagem (Auto) biográfica, formação de professores e de leitores, desenvolvido no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, da Universidade do Estado da Bahia (PPGEduc/UNEB) -, tomando as escritas de si, especificamente os *diários de aula* e *histórias de leituras*, expressas nos percursos individuais e coletivos de formação e auto-formação dos sujeitos implicados com esta prática. Nesse sentido, buscou-se, a partir dos *diários de formação* e dos *relatos (auto) biográficos* de práticas culturais de leitura, a produção e socialização das escritas de si, no entendimento de que os processos de formação de professores e leitores se modelam na tensão entre as experiências que demarcam as histórias de vida de cada sujeito e seus singulares percursos de formação e auto-formação.

A referida disciplina tencionou discutir aspectos teóricos e metodológicos da abordagem (auto) biográfica e suas implicações na formação ao longo da vida, ao tomar as narrativas de professores e de leitores como eixos estruturantes para o trabalho, no sentido de compreender dispositivos da profissão docente na interface entre dimensões da memória e lembranças do cotidiano escolares e dos saberes.

Buscamos, no trabalho didático e formativo da disciplina, analisar aspectos relativos às narrativas da história de vida e suas relações com a formação e a prática docente, bem como contribuir para a formação de professores mediadores de leitura, mediante análise dos percursos de leitura e seus desdobramentos na constituição do sujeito leitor. A disciplina organizou-se a partir de três eixos temáticos, os quais trataram de especificidades dos conteúdos – Memória,

¹ Esse relato foi apresentado no COLLOQUE INTERNATIONAL (1986-2007) Le biographique, la réflexivité et les temporalités- Articuler langues, cultures et formation, Tours/França, 25-27 de junho de 2007.

² Doutor em Educação pela FAGED/UFBA, Professor da Faculdade de Educação da Bahia e do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia. Coordenador do GT 13 - Educação Fundamental da ANPEd (2006/2007) esclementino@uol.com.br

³ Doutora em Letras pela PUCRS, Professora Titular do Departamento de Ciências Humanas e dos Programas de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens-PPGEL e Educação e Contemporaneidade – PPGEduc/UNEB. vmrocha@uol.com.br

história, autobiografia e formação docente; histórias de vida e de leitura e narrativas de formação e, por fim, as escritas de si como dispositivo e práticas de formação. Os eixos apresentados oportunizaram desdobramentos metodológicos, por entendermos que o trabalho centrado nas histórias de vida, diários biográficos, narrativas de formação de professores e de leitores adotam, além da temporalidade e reflexividade, outros aspectos e questões relativas à subjetividade e à importância de se ouvir a voz do professor ou compreender o sentido da investigação-formação, centrada na abordagem experiencial, cujo sujeito aprende a partir da sua própria história.

No decurso dessa experiência, duas **escritas de si** foram produzidas: **Diários de formação** e **Rascunhos de mim**. As atividades desenvolvidas possibilitaram diferentes entradas e leituras sobre os sentidos e fertilidades das escritas de si como prática de investigação e de formação no campo do trabalho docente e das aprendizagens experienciais construídas ao longo da vida. Buscaremos apresentar questões teóricas e narrar alguns aspectos do trabalho desenvolvido com base nas escritas de diários e das histórias de leitura.

DIÁRIOS DE AULA: as escritas de si como prática de formação e (auto) formação

O trabalho com diário (Hess, 2006⁴), focado no processo narrativo de dimensão formadora, torna possível apreender as inter-relações entre as diversas situações e dimensões experienciais da/na sala de aula. O registro narrativo permite compreender o modo como cada sujeito, permanecendo ele próprio, se transforma. Também evidencia o processo e movimento que cada pessoa empreende para externar seus conhecimentos, valores e energias, para ir construindo a sua identidade, num diálogo contínuo com os seus contextos. No que concerne aos diários autobiográficos, Holly afirma que:

[...] os educadores que optaram pela elaboração de diários profissionais ou pessoais escolheram observar-se a si próprios, tomar a experiência em consideração e tentar compreendê-la. A escrita de diários biográficos constitui-se em 'escrita sobre a vida' (bio = vida, graphia = escrita), tentando compreender e articular as experiências de uma outra pessoa. A escrita de diários autobiográficos envolve o processo de contar a história da sua própria vida. A escrita de diários biográficos e autobiográficos inclui, geralmente, a reconsideração e a reconstrução da experiência a partir da história de uma vida, quer seja a sua própria (autobiografia) ou a de outras pessoas (biografia) (1992, p. 101).

O que temos empreendido no processo da disciplina é possibilitar aos sujeitos em formação entrarem em contato com suas lembranças, histórias e representações sobre as aprendizagens e discursos pedagógicos construídos no espaço acadêmico. No processo de construção das narrativas escritas e da socialização destas experiências⁵ na sala de aula da universidade, temos observado, escutado e percebido o sentido que cada sujeito estabelece face às

⁴ Para maior aprofundamento da discussão e teorização sobre as escritas do diário, consultar Hess, 2006, tendo em vista a sistematização apresentada pelo autor no que se refere às formas 'particulares do diário'.

⁵ Corresponde às aulas da Disciplina 'Abordagem (Auto) biográfica, formação de professores e de leitores', desenvolvida a partir da abordagem experiencial de formação e (auto) formação.

reconstruções de suas trajetórias em seus textos narrativos a partir da história de sua vida e do recorte sobre as vivências e aprendizagens acadêmicas.

Inicialmente, essa prática tem nos levado a superar enfoques referentes à implicação da racionalidade técnica no percurso de formação, no espaço da universidade, configurando-se como modalidade formativa e autoformativa tanto para os professores envolvidos com o projeto de formação, quanto para os estudantes implicados com o trabalho proposto e desenvolvido. Isto porque o uso deste procedimento revela-se fértil para os alunos, por favorecer reflexões sobre as experiências formadoras, um aprofundamento sobre o conhecimento de si e do outro e uma ampliação dos significados da prática didático-pedagógica vivenciada no plano individual e coletivo.

As narrativas de formação e/ou as expressas em diários autobiográficos demarcam um espaço onde o sujeito, ao selecionar aspectos da sua existência e ao tratá-los na perspectiva oral e escrita, organiza suas idéias e potencializa a reconstrução de sua vivência pessoal e profissional de forma auto-reflexiva como suporte para compreensão de sua itinerância vivida.

O processo de escrita da narrativa remete o sujeito a viver, enquanto ator e autor, sua singularidade, ao investir em sua interioridade e em seu conhecimento de si, estimulando questionamentos sobre suas identidades, reveladas na escrita do diário de formação, enquanto atividades formadoras que antecedem e que marcam o início de cada sessão.

A narrativa expressa em diários torna possível desvendar modelos e princípios que estruturam discursos pedagógicos que compõem o agir e o pensar docente e cristalizações da e sobre a prática. Isto porque, o ato de lembrar e narrar possibilita ao ator reconstruir experiências, refletir sobre dispositivos formativos e criar espaço para uma compreensão da sua própria prática. Desta forma, o diário de aula (Zabalza, 1994) caracteriza-se fértil para o desenvolvimento profissional através do registro sobre a prática, exige implicação, distanciamento, reflexão e um olhar sobre o próprio trabalho, problematizando questões didáticas e pedagógicas da sala de aula e da cultura escolar, tendo em vista a re-elaboração do próprio fazer.

Para as estudantes a escrita do diário constitui-se num momento de reflexão e de avaliação da prática e sobre a prática no processo de formação. A escrita do diário revela percepções sobre o planejado e o vivido, possibilitando repensar sobre o trabalho docente, as aprendizagens construídas e, conseqüentemente, uma revisitação do vivido, tendo em vista aperfeiçoar a prática. As representações sobre o registro no diário aparecem com regularidade em suas narrativas. O excerto⁶ a seguir trata de especificidades do trabalho da disciplina, quando diz que:

Ao iniciar as aulas da disciplina autobiografia formação de professores e leitores, deparei-me com um universo de leituras, nunca vistos, que me fizeram analisar questões que até então não tinha me dado conta. Uma delas foi à possibilidade de compreender as práticas desenvolvidas por nós professores, atreladas às histórias de vida de cada um

⁶ O excerto aqui apresentado foi retirado do Diário de aula da referida disciplina, no período de março a junho de 2005. Outros excertos serão apresentados e correspondem aos diários de aula construídos pelas alunas no espaço da Disciplina.

e a outra a indissociabilidade das dimensões pessoais e profissionais contidas nas práticas docentes.

O diário de aula possibilita analisar a prática pedagógica, uma vez que instaura um lembrar sobre a prática em sala de aula, aprimorando aspectos didáticos vinculados ao trabalho docente. No início, eram recorrentes as queixas e reclamações sobre a escrita, mas, já nas primeiras partilhas sobre os diários, o grupo foi percebendo a fertilidade da atividade, o sentido de aproximar um olhar mais apurado sobre o cotidiano da sala de aula e rever posições, posturas e dispositivos engendrados sobre o trabalho docente revelado na escrita. No que se refere às marcas e reflexões sobre a leitura, o fragmento a seguir destaca que:

Na trajetória deste caminhar, gestos, cheiros, sentimentos, imagens, canções, palavras, textos, pessoas e tantas outras experiências nos visitaram e algumas vezes estabeleceram moradias permanentes. Dentre elas, a leitura feita por cada um de nós, por homens, mulheres, crianças e velhos que nos fizeram pessoas e profissionais.

No que se refere ao diário como prática de formação, os diferentes textos narrativos produzidos na sala de aula evidenciaram sentimentos, dificuldades sobre as primeiras escritas, formas de revelação e de idéias sobre o próprio sentido da escrita e do diário. O fragmento a seguir destaca diferentes aspectos que emergiram nas rodas e partilhas das experiências vividas no processo do curso:

A sensação de acolhimento, de escuta e olhar sensíveis, a palavra que conforta e porque não o colo que acolhe, permearam a iniciação desse relato de hoje. A idéia de não saber o que escrever o que priorizar ao narrar fatos e muito “ingenuamente” querer descrever gestos, fisionomias e sentimentos também esteve presente. Penetrar na intimidade do outro, tentar interpretar sua fala e a subjetividade que permeia a mesma, é tarefa complexa, pois enquanto sujeito único/ímpar, cada um de nós traz consigo suas peculiaridades, demandas, anseios, dúvidas, necessidades, aspectos singulares de uma história de vida que é só nossa. Epa! Não posso deixar de citar as contribuições do “outro” nesse processo. O outro que pode ser você que está na minha frente, ao meu lado, ou ainda estar por vir. E foi vivendo essa intensidade de sentimentos, essa ebulição de idéias que resolvemos iniciar o relato do segundo dia de aula com a disciplina [...].

Temos observado que a disseminação e adoção, em larga escala, da escrita narrativa e da escrita do diário da prática docente das professoras de educação infantil e, pouco menos, de professoras dos anos iniciais do ensino fundamental, configuram-se como uma atividade obrigatória de formação e de controle do trabalho da professora, deslocando o sentido e as perspectivas formativas da escrita. É preciso entender que a escrita do diário parte da implicação e dos sentidos atribuídos pelo sujeito em formação, superando a idéia de uma tarefa em si mesma e potencializando a perspectiva formativa da escrita no contexto da formação inicial e continuada de professores.

A reflexão vinculada à escrita remete o sujeito em formação a compreender as condições de produção e os sentidos de sua própria escrita, a qual revela relações com o trabalho e formas de compreender a escrita como prática de pesquisa e de formação. Os registros da prática e sobre a prática comportam

descrições de atividades dos sujeitos envolvidos, das interações e formas de apreensão, modos como o trabalho é controlado e rituais engendrados no cotidiano da cultura universitária. O registro sobre o trabalho docente inscreve-se numa memória da profissão, num tempo de avaliação da prática e, mais significativamente, num momento de compreensão sobre o trabalho docente, comportando a re-elaboração do vivido. É fundamental entender o papel social do registro e da escrita como atividade individual e coletiva da escrita de si e sobre si mesma na constituição de um processo identitário de tornar-se professora.

Os sentimentos e representações construídos e expressos nos diários marcam formas particulares de apreensão sobre a escrita, visto que as mesmas caracterizam-se como “processo de formação” e “processo de conhecimento” (Josso, 2002), e se inscrevem nas experiências vividas ao longo da vida de cada sujeito, configurando-se como atividade formadora.

A autonarração desenha-se na subjetividade e estrutura-se num tempo (Pineau, 2004) tempo de lembrar, de narrar, de refletir, de construir associações, de estabelecer sentidos ao que foi vivido, a partir de significados particulares e coletivos de diferentes experiências formadoras, as quais são reveladas nas capacidades e no investimento do ator falar e escrever sobre sua história de vida e de formação, construído sobre si mesmo. A escrita do diário de formação permite diferentes entradas sobre a constituição da identidade docente, do desenvolvimento pessoal e profissional e formas de compreender a cultura universitária e escolar.

RASCUNHOS DE MIM: os muitos lugares percorridos

A leitura e a formação dos docentes modelam a segunda vertente desse trabalho. Estruturada em temáticas - *Memória, leitura e leitor: Ecos da infância; Histórias de leituras e narrativas de formação e Histórias de leitura literária e experiência de formação*, a disciplina elege como repertório o conceito de memória, leitor, experiência estética e as práticas culturais de leitura, constitutivas de histórias de vida de cada sujeito. Para tanto, organizamos em espaços de reflexão as situações rememoradas, registrando as possíveis relações entre a moldura teórica do nosso curso⁷, a leitura de um acervo literário e os rastros de suas memórias.

A atividade - **Rascunhos de mim** - constituiu-se em **escritas de si**, nas quais cada um abriga suas memórias de leitura, atravessando tempos e espaços reais e imaginários, cujos gestos e práticas culturais de leitura encontram um sentido que se abrem à compreensão de que as histórias de leitura se constroem por caminhos os mais imprevistos.

Chamamos a atenção para o percurso metodológico que se foi construindo cotidianamente por entre as leituras dos textos teóricos e de ficção, os relatos orais e as escritas de si, que configuram os *Rascunhos de mim* de cada estudante. Estes compreendem, portanto, as histórias de leitura, que, ao longo da disciplina, foram sendo construídas e discutidas.

⁷Ponto já abordado na primeira parte deste artigo.

Este foi uma travessia fecunda e desafiadora. Arriscar-se a uma leitura mais aguçada das intrincadas relações que perpassam os múltiplos caminhos de formação de leitores é algo complexo e instigante. Ao recorrer a outros dispositivos didáticos, a exemplo dos *Rascunhos de mim*, rompemos modelos curriculares ainda encapsulados em disciplinas regidas apenas pela racionalidade técnica. Ademais, a sabedoria nos ensina que a vida real flui e reflui entre sombras e luzes, inundando a escola, com outros tantos saberes e sensibilidades que se manifestam em variadas e inesperadas situações ou experiências fora do *script* acadêmico.

Não há como negar o quanto o currículo de formação de professores se enrijece em saberes, que se esgarçam em fragmentos que pouco ou nada acrescentam a uma formação em que os dois pólos, que balizam esse universo - razão e sensibilidade - possam transitar livremente. Desse modo, a *escrita de si* tem potencializado o exercício das práticas narrativas, confirmando o quanto os leitores encontram aí um campo de recriação de memórias afetivas e sensíveis e um espaço de reflexão sobre sua formação pessoal e profissional.

Nesse sentido, muitas perguntas se instauram enquanto se escreve e reflete sobre si, o outro e o mundo: Quais e quantos sentidos são estabelecidos na experiência de formação do leitor? Como os leitores se reconhecem, considerando os contextos sociais de suas práticas culturais de leitura? As respostas a tantas perguntas passam pelo entendimento sobre de qual leitor estamos falando e pelas histórias pessoais e coletivos de leitura que não expressam os mesmos sentidos, porquanto revelam diferentes e singulares percursos de formação. Daí porque as histórias de leitura devem ser compreendidas entre a subjetividade e o lugar social de cada indivíduo, com seus diferentes ritmos, formas de ler, tempos e espaços de leitura os mais inusitados.

Os estudos nesse campo, particularmente sobre as práticas culturais de leitura, na perspectiva da abordagem autobiográfica, permitem, portanto, desenhar a genealogia das formas de ler a partir das narrativas de vida e o significado cultural da leitura na vida de cada indivíduo. O leque de leitores, por sua vez, reparte-se entre crianças, jovens, adultos, estudantes, trabalhadores, profissionais diversos, dentre outras categorias, e a depender de sua idade, classe social e sexo mantêm relações diferenciadas com a cultura escrita. Esta, por sua vez, condiciona também sua posição na hierarquia social, influencia-lhe a maneira de exercer seus papéis sociais e lhes assinala um *status*.

Os relatos a seguir corroboram essa posição:

As práticas de leituras vivenciadas permitiram que, ao narrar a nossa história, refletíssemos e identificássemos os fatos que foram realmente constitutivos para a nossa formação, favorecendo a reconstituição da memória pessoal e coletiva, permitindo assim, que compreendêssemos as nuances do caminho percorrido e reaprendendo com eles.

Tivemos a oportunidade de narrar sobre os percursos produzidos em torno das práticas, usos, suportes, lugares, acessos e pessoas que contribuíram e contribuem nas histórias de leitura. Estas histórias ao serem re-memoradas, além de possibilitar a reflexão e expressar idéias e sentimentos nos levou ao redimensionamento das representações sobre o leitor, a leitura e a literatura que tínhamos.

O contato íntimo com os autores que versam sobre leitura, literatura, memória, narrativas e histórias de vida tem povoado e preenchido vazios, lacunas, dúvidas e, com certeza, plantado novas questões, novas indagações e novas curiosidades.

Assim, ao privilegiarmos as histórias de leitura, esse dispositivo metodológico possibilitou ao grupo tematizar quais os sentidos da leitura no processo de formação e qual o papel da narrativa para a constituição do sujeito da experiência. Ressaltamos a diversidade de experiências e cenas de leitura que prefiguram singulares itinerários de leitura, porquanto cada um carrega consigo diferentes histórias e diferentes representações sobre a leitura e a figura do leitor. Vejamos esses três depoimentos:

Venho de uma família de leitores, onde meus pais intelectuais que são, marcaram suas vidas e nossa vida com experiências leitoras. Tal registro confirma-se com uma biblioteca onde podíamos apreciar um acervo dos mais diversos títulos.

De um monte de revista ele [amigo que tinha uma coleção de revistas] escolheu a mais velha, sem capa e disse: “Eu te empresto esta revista se você me der aquela penca de bananas”. Naquela ocasião, além de trabalhar lavando roupas, minha mãe começou a vender na janela frutas e legumes para ajudar nas despesas. Quando precisava sair ela deixava a mim ou a minha irmã cuidando das vendas. A proposta do meu amigo não era honesta, eu sabia que não poderia dar o cacho de bananas para ele, pois se eu conseguisse vendê-lo, com dinheiro, minha mãe compraria o pão para tomarmos café. Mas a tentação era muita, foi quando tive uma idéia e fiz uma contraproposta: Eu te dou a metade do cacho. Ele aceitou. Confesso que fiquei com sentimento de culpa, tive dó da minha mãe, ela jamais descobriu que as bananas não foram vendidas e sim trocadas por gibis.

Em casa não havia estímulo. Não havia uma comunidade de leitores, o máximo que alguns dos meus irmãos e minha mãe liam era os salmos da bíblia católica antes de ir ao trabalho e ao levantar. Jornais eram raros, mas tinha muitos livros de literatura e didáticos que eram comprados ou herdados pelos meus irmãos para uso escolar e que ficavam posteriormente esquecidos em baús e armários. As receitas fossem em cadernos ou revistas, era o objeto mais lido por minha mãe, irmãs e tia.

E assim os *Rascunhos de mim* assinalaram seu lugar. Percebemos o quanto esse foi um artifício valioso para os estudantes não só redescobrirem o seu lugar de leitor, como também compreenderem seus percursos de formação, revelados nos *Rascunhos*:

Assim como a colcha de retalhos que nos propusemos a dar formas, segue a minha vida, acrescentando novos fios e novas costuras, que serão desmanchadas e refeitas com o objetivo de fazer da minha história da minha vida profissional, um tecer contínuo, mediada pelas leituras que farei e, fazendo destas, momentos de desconstruções e construções, atribuições de significados a realidade vivida.

Rascunho de mim, o título traz poesia e ao mesmo tempo ressoa como uma provocação à memória para retomar lembranças que talvez estejam guardadas e “esquecidas” por algum motivo que só o inconsciente é capaz de revelar. Ou talvez a escrita possa desvelar.

Comecei rabiscando, juntando as palavras, revendo imagens que se perderam, entrei na desordem, contudo precisava estabelecer a ordem, a estabilidade, porém não é fácil, é estranho. É uma tarefa difícil de escrever sobre si mesmo, pois esse exercício mobiliza muitos sentimentos e emoções, que exige de nós uma entrega às lembranças e experiências passadas. Vida constituída de fatos importantes, bons ou ruins, mais importantes, importantes pelo fato de oportunizar uma aprendizagem significativa.

Lutei por quase 30 anos tentando fugir da minha história, com a escrita dos *Rascunhos de Mim* não tive alternativa, só um encontro verdadeiro comigo mesma possibilitará que a ressignifique e escreva uma nova história para meus filhos, netos, bisnetos.

Hoje, com muitos *Rascunhos* em mãos, temos o privilégio de ter um inestimável testemunho de leitores, com suas falas entrelaçadas de lembranças, afetos, desejos, medos, frustrações, que tecem e destecem histórias e histórias a serem contadas um dia:

Quando aprendi a ler, meu pai ficou orgulhoso e falava para todos seus amigos: - Minha filha já sabe ler...- providenciava um jornal velho que tinha servido para embulhar algum objeto e mandava que eu lesse para a visita ouvir. Eu recebia muitos elogios, pois enquanto criança dominava um instrumento que muitos adultos, que faziam parte do meu convívio, não eram capazes. Eu sabia ler!

E quem não tem uma história bonita para contar? Não tenho do que me orgulhar. Por um momento achei que tudo estava perdido, que não tinha mais volta, como seria uma escritora e leitora competente se não tivera na infância um ambiente que me proporcionasse um rico universo letrado? Que poderia herdar de um pai analfabeto, negro, alcoólatra e agressivo? Uma mãe que lutava para estudar, mas não conseguira terminar o ginásio. Uma mãe que não conhecia histórias para contar e não sabia ajudar os filhos nas atividades escolares. Naquele momento me sentia porta voz de muitos, sabia que essa história era minha, mas também da maioria dos brasileiros.

Cada leitor é um ator que se apropria de informações, de saberes, de experiências alheias, de sentimentos e emoções, que podem transformá-los ou não, produzindo marcas e implicando-se com sua itinerância. A leitura, bem sabemos, não tem a mesma dimensão existencial para os mesmos leitores, cada um experiencia o que lê a partir de suas representações concretas e simbólicas. E as experiências de leitura ganham sentido quando o sujeito se transforma e aprende a partir de suas próprias marcas sócio-históricas. Os relatos ilustram bem essa dimensão:

Uma história que li naquela época e que provocou um sentimento de identificação foi *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, pois, retrata a realidade da seca no nordeste brasileiro. Eu e a minha família também somos retirantes. Como Severino, abandonamos nossa terra natal e viemos para a capital, em busca de melhores condições de vida.

Na época das cartilhas, grande era a minha curiosidade em saber o que ali estava escrito, o que contavam aquelas imagens e riscos e o que iríamos fazer na escola com todo aquele material. Depois, já alfabetizada, lia secretamente, antecipando o

que iriam nos contar na escola. Hábitos que trago até hoje, ao comprar um livro e folheá-lo, como que para descobrir o que vou ler.

Ousamos mesmo dizer que tais estudantes traziam consigo marcas de uma sensibilidade literária um tanto adormecida, que, quando bem alimentada, revelava um universo de sentidos, gestos, conhecimentos e gosto estético que nos deixavam fascinados, por desvelarem a riqueza e a singularidade de suas experiências.

No embate entre razão e sensibilidade, o ensino da literatura, em particular, fica à deriva, em busca de um solo que o acolha sem fazer desse campo um lugar de inexpressivo *passatempo* ou *entretenimento* (embora muitas vezes seja apenas isso!), enquanto os sinos dobram para os campos dos saberes científicos. Assim, a literatura reclama por um lugar que a reconduza para o interior da escola, porquanto contribuí enormemente na constituição de sujeitos sensíveis, ao mobilizar e ampliar experiências literárias enraizadas, como diz Vargas Llosa (2004, p.18), na “experiência humana, da qual se nutre e à qual alimenta”.

Assim compreendida, a literatura por estar a serviço do homem, não tem que aguardar o chamado das instituições que, de modo geral, a querem fora de lugar, por temor a sua natureza, muitas vezes, transgressora e rebelde. O depoimento é exemplar:

A familiaridade que a cada encontro a professora nos proporcionava com o universo literário tornava-se um dos diferenciais das nossas aulas. Para mim, os encontros não se constituíam em um espaço ritualizado e centrado na racionalidade técnica, mas em um espaço que nos possibilita, enquanto sujeitos, nos reconhecer como autor e ator dos percursos de vida e de formação. Tais fatos me levam a acreditar que fomos um grupo clandestino em meio às práticas acadêmicas desenvolvidas nesse Mestrado. As aulas iniciavam-se com a leitura de algum texto literário. A disposição em círculo contribuía para que nos aproximássemos mais, estabelecendo assim um tipo de cumplicidade ou comunhão com todos, através da brincadeira com as palavras, do compartilhar da leitura, da disposição do olhar e na (re)descoberta da própria voz sem timidez.

Relatos, saberes docentes, experiência e práticas culturais de leitura, relação entre leitura e realidade, leitura e vida foram se entrelaçando em outros múltiplos saberes, advindos da experiência, dos ritos de iniciação e dos intercâmbios culturais de sociabilidade (comunidade de leitores), com seus diferentes suportes de leitura, com suas formas particulares de acesso ao material impresso, em seus diferentes suportes e mediações.

Conheci minha história através da música e através dela começou minha vida como leitora. A música fizera parte da minha história. Não lía Camões, Castro Alves, Carlos Drummond, Graciliano Ramos nem Guimarães Rosa, mas era leitora e tinha a possibilidade de sonhar e desejar um final feliz. De onde vinha toda aquela inspiração, aquela didática que os livros não ensinavam? Constitui-me professora a partir do professor que gostaria de ter encontrado na infância. Passo horas elaborando novas estratégias para ajudar as crianças a aprender. Acredito que todas são capazes...

A literatura continua sendo um desafio, mas vale recordar que há alguns anos fui surpreendida com um desejo súbito de ler outras coisas para além dos livros

técnicos. A possibilidade de reescrever a história de outra maneira me conduziu ao universo da Literatura Infantil. As leituras para ninar, mesmo quando Júlia [a filha da depoente] pouco compreendia, me deram a possibilidade de experimentar uma sensação inédita. Na verdade eu comprava os livros para mim e ela gostava.

E assim se fazem os leitores, com muitas e particulares histórias de leitura que se articulam, numa relação dialética, entre o saber da experiência, o conhecimento e a vida. É um saber singular, subjetivo e particular ao indivíduo ou ao coletivo com todos os desafios que cada experiência comporta. Isto porque a transformação do acontecimento em experiência vincula-se ao sentido e ao contexto vivido por cada sujeito.

Concluimos com o relato de duas alunas, colhidos de seus *Rascunhos*:

“Nasci” aos 27 anos. Para ser mais precisa, numa sala de aula em meio a um texto de Bachelard. Sua escrita e as memórias externadas, da infância por parte da turma, me fizeram (re)viver a minha “casa” interior, me (re)descobrir. Não foi fácil para mim. Tinha vontade de fugir de não fazer parte daquele momento, mas senti-me presa, coagida e desafiada. Não me lembro ao certo o que falei, mas daquele momento em diante senti que não poderia mais me esconder, ausentar-me de mim mesma.

Como todos os seres humanos, tenho muito que aprender; preciso me reinventar a cada dia, como também me redescobrir, semelhante a um livro que proporciona novidades a cada vez que é lido. Talvez eu seja como um rascunho, sempre precisando ser passado a limpo, sem que jamais esteja pronto.

REFERÊNCIAS

- CHARTIER, R. (Org.). **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.
- CORDEIRO, V. Os bastidores da leitura: práticas e representações ou do lixo à biblioteca. In: SOUZA, E. **Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino**. Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006, pp 301/318
- HESS, R. Momento do diário e diários dos momentos. In.: SOUZA, E. C e ABRAHÃO, M.H. B. (Orgs.). **Tempos, Narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006, pp. 89/104.
- HOLLY, Mary Louise – Investigando a vida profissional dos professores: diários biográficos. In. NÓVOA, António (Org.) – **Vida de Professores**. Porto: Porto Ed., 1992, pp.79-110.
- JOSSO, M.-C. - **Experiências de vida e formação**. Lisboa: EDUCA, 2002.
- NÓVOA, A. e FINGER, M. – **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988.
- PINEAU, G. **Temporalidades na formação: rumo a novos sincronizadores**. Tradução de Lucia Pereira de Souza. São Paulo: Triom, 2004.
- SOUZA, E. C. de. **O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A, Salvador: UNEB, 2006.
- ZABALA, M. – **Diários de Aula: contributos para o estudo dos dilemas práticos dos professores**. Porto: Porto Editora, 1994.